

Paulo Alexandre Cardoso Pereira

# A BELEZA IMORTAL DAS CATEDRAIS

AFONSO LOPES VIEIRA E A IMAGINAÇÃO MEDIEVALISTA

I



temas portuguesas

*Título:* A Beleza Imortal das Catedrais  
Afonso Lopes Vieira e a Imaginação Medievalista  
Vol. I

*Autor:* Paulo Alexandre Cardoso Pereira

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* DED/INCM

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Julho de 2009

*ISBN:* 978-972-27-1583-6

*Depósito legal:* 288 953/09

## LUTA DE CLASSES

Nem todos os que construíram as catedrais viram o mesmo. Uns, ergueram torres e pináculos, à luz do sol, e chegaram ao céu; outros, metidos nas criptas, pintaram infernos à luz de velas, deixando no chão o lugar para os mais anónimos dos mortos. Os que chegaram ao cimo, receberam o olhar divino e viram o júbilo das madrugadas primaveris; os que ficaram no fundo, arrancando à humidade das paredes o gesto alucinado dos demónios, trocaram obscenidades e doenças. No entanto, a catedral é única; e quem a visita, apreciando a totalidade que, dizem, nasceu de uma visão de absoluto, não pensa em pormenores. Que importa os que trabalharam na sombra, perdendo a luz dos olhos com o minucioso desenho arrancado à treva, se o que hoje se vê é esse contorno em que a pedra trabalha o céu? Assim, conclui-se, é da desigualdade que nasce a harmonia; e é a desordem humana que faz brotar, do nada, tudo o que admiramos.

NUNO JÚDICE, *Cartografia de Emoções*,  
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, p. 126.

## 1. PREÂMBULO

And moving thro' a mirror clear  
That hangs before her all the year,  
Shadows of the world appear.

ALFRED TENNYSON <sup>1</sup>

C'è un Medioevo «ufficiale» degli specialisti, degli accademici, degli addetti ai lavori, e c'è un Medioevo della cultura comune, tradotto, decodificato, volgarizzato, spesso deformato; un Medioevo dei medievisti ed un Medioevo della letteratura, del cinema, del teatro, della televisione, del giornalismo. <sup>2</sup>

Na brumosa parábola poética intitulada «The Lady of Shalott», relata Tennyson a maldição — ambígua, na sua face bivalente de narrativa melusiniana e emblema pré-rafaelita — que impendia sobre a senhora da ilha de Shalott, condenada a contemplar o reino arturiano de Camelote, e todo o mundo circunvizinho, através do reflexo que um espelho dele devolvía.

---

<sup>1</sup> Alfred Tennyson, «The Lady of Shalott», in *Poems*, selected by W. E. Williams, Harmondsworth, Penguin Books, 1985, p. 22.

<sup>2</sup> «L'altro medioevo», in *Quaderni medievali*, n.º 16 (dicembre, 1983), p. 87.

Confinada à intermediação transfigurante de um mundo de sombras, privada de uma visão imediata e pura dos seres e do tempo, será um solitário Lancelote a converter a transgressão do interdito em apelo inelutável: ao contemplar o magnífico cavaleiro, desaparecida a interposição protectora do espelho, o sortilégio cumpre-se na sua imponderável infalibilidade. À deriva numa embarcação, a Senhora de Shalott, elevando a voz para entoar a que sabe ser a sua própria loa fúnebre, vai ao encontro da morte, sem lograr reunir-se com o cavaleiro tão belo quanto letal.

Como, com propriedade, nota Renato Bordone, este cenário elegíaco, certamente modelar por referência ao regime do pitoresco melancólico neomedievalista de uso vitoriano, admite igualmente ser compreendido, por leitura translata, como «metafora dell'immaginario collettivo sul medioevo»<sup>3</sup>. Efectivamente, os tempos medievais de gesta e de fantasia raramente autorizam a contemplação imediata e translúcida, pela frequentação da fidedignidade indirimível das fontes, mas a eles se pode aceder quase sempre pelo salvo-conduto de um espelhismo deformante: aquele que impôs a imaginação oitocentista, laboriosamente reconstruída sobre a tela da iconografia romântica. O espelho de Shalott transmuda-se, portanto, em «inevitabile diaframma dell'immaginario»<sup>4</sup>, e o mesmo é dizer em poderoso instrumento de desfocagem e distorção.

A lição de Tennyson, pela insistência no entrosamento de *realia* e *simulacra*, constitui ainda uma alegoria perfeita para referenciar o instável convívio epistemológico que tem ensombrado o parentesco dos *estudos medievais* e dos *estudos das representações medievais*: é, na verdade, um semelhante pecado de ilusão referencial que parece ter obstado às núpcias de medievística e medievalismo. A demanda de uma Idade Média autêntica, que faz radicar o seu corolário metodológico no pre-conceito de uma referencialidade exterior e transcendente que

---

<sup>3</sup> Renato Bordone, *Lo Specchio di Shalott. L'invenzione del Medioevo nella cultura dell'Ottocento*, Napoli, Liguori Editore, 1993, p. 11.

<sup>4</sup> *Idem, ibidem*, p. 12.

urge reconstituir, tem apontado um caminho — o caminho — dos estudos medievais. A sua adscrição profissional, referendada academicamente, ciosa da desocultação de um passado tal qual foi, insiste na demarcação qualitativa do seu campo investigativo relativamente ao medievalismo. Inversamente, a natureza pronunciadamente subjectiva e ideologicamente pe-nhorada deste último fenómeno, produto das inflexões de gosto e dos caprichos da história, exila-o, quando muito, para o terreno da estereotipia cultural ou da construção imaginária. Tudo parece ser confortavelmente redutível, no fim de contas, à diferença entre uma Idade Média «real» e uma Idade Média refractada pelo espelho de Shalott.

Ora, questionando a pertinência da conflitualidade alimentada por este entendimento binário e consciente do carácter esquivo das categorias, Clare Simmons lembra que «in the second half of the nineteenth century, and for most of the twentieth century, one generation's medieval studies was the next generation's Medievalism»<sup>5</sup>. Estudos mais recentes têm, evidentemente, demonstrado a falácia da *tabula rasa* ideológica do medievista e a improficuidade de qualquer esforço de leitura desarraigado de preconceitos, postulações teóricas que em muito contribuíram para pacificar o descaso de medievística e medievalismo<sup>6</sup>. Em ensaio recente, Laura Kendrick demonstra, em tonalidade paródica, como a insaciável demanda da fonte e da origem, o obsessivo joeirar do autêntico e do apócrifo, surtiram o efeito perverso de transformar os estudos medievais numa «disciplina da impostura»:

If a twelfth-century troubadour could be resurrected  
and asked to criticize what had been written about him  
or attributed to him by subsequent scholars, he would

---

<sup>5</sup> Clare Simmons, «Introduction», in *Medievalism and the Quest for the «Real» Middle Ages*, London, Frank Cass, 2001, p. 12.

<sup>6</sup> Ainda muito recentemente, voltava Stephen G. Nichols a insistir que «si la période [A Idade Média] occupe toujours le même space, tel n'est pas le cas des générations de 'médiévistes' successives. Le point

be baffled by our distinctions between authentic and pseudo-medieval texts, between scholarly editions and amateur inventions, between history and fiction. The basic rule for becoming a professional medievalist has been that we must believe ourselves to be returning to, restoring and founding our criticism and literary history upon, authentic medieval texts that are as close as possible to authorial originals. Our erudition is fundamentally falsifying, our science a discipline of imposture — and this from the beginning, but increasingly so, and with less and less tolerance for such self-critical analysis, from the turn of the nineteenth century on.<sup>7</sup>

Deste modo, jamais um medievista, mesmo munido de insuspeita proibidade, se poderá subtrair aos condicionamentos contextuais ou libertar-se dos constrangimentos ideológicos em que trabalha e manuseia as fontes. Sendo assim, «we may as well acknowledge that we always cast our own shadows on the past that we recreate»<sup>8</sup>.

Este estudo encontra-se assumidamente escorado neste terreno do medievalismo e assume como projecto a caracterização do imaginário medievalizante de Afonso Lopes Vieira e, tanto quanto possível, da sua época. A delimitação deste

---

de vue sur la période change avec le passage du temps et 'l'objectif' dont on se sert pour la prise de vue change également. Chaque génération de chercheurs constitue ses instruments de mesure selon les 'horizons de connaissance' de la période à laquelle il appartient. Du coup, on comprend qu'une des altérités du Moyen Âge, consiste précisément dans l'objectif dont on se sert pour l'étudier... l'objectif, certes, mais aussi l'observateur.» Cf. Stephen G. Nichols, «Introduction», *Littérature*, n.º 130 («Altérités du Moyen Âge») (juin, 2003), p. 4.

<sup>7</sup> Laura Kendrick, «The Science of Imposture and the Professionalization of Medieval Occitan Literary Studies», in R. Howard Bloch e Stephen G. Nichols (eds.), *Medievalism and the Modernist Temper*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1996, p. 95.

<sup>8</sup> Clare Simmons, art. cit., p. 22.

projecto, cujo resultado foi inicialmente apresentado como dissertação de doutoramento à Universidade de Aveiro, impôs-se-me numa trajectória de gradual evidência. Por um lado, o medievalismo finissecular, situado na encruzilhada de revalorização nacionalista do passado, ideação de utopia progressista ou puro jogo estético, tem merecido — contrariamente à copiosa bibliografia consagrada ao seu congénere romântico — irregular atenção académica; por outro, a obra de Lopes Vieira, pese embora ter já constituído objecto de um notável estudo académico<sup>9</sup>, foi, durante um largo interregno e por factores a ela extrínsecos, relegada para uma desatenção preconceituosa que assim se espera ajudar a contrariar.

Nesse sentido, pretende-se, numa primeira etapa, tipificar a estrutura imaginária e as estratégias de textualização por ela mobilizadas, no tocante à representação do cronótopo medieval em Afonso Lopes Vieira, um autor cuja obra constitui, talvez como nenhuma outra, espaço privilegiado onde se tenteia o equilíbrio entre incursão fictocriativa e iluminação filológica. Medievalística e medievalismo — o mesmo é dizer, investigação e recriação, cópia e reescrita, filologia e literatura, ciência e arte — engendram, deste modo, a bipolaridade nuclear que cruza grande parte desta obra. Como, ao longo destas páginas, se procurará demonstrar, é justamente na fissura temporal revelada pela contemplação nostálgica de uma Idade Média imaginada — um olhar narcísico «d'une époque en train de se mirer dans son passé, comme Narcisse à la fontaine»<sup>10</sup> —, por parte de um escritor que jamais se alheou da experiência dramática do presente, que tomam corpo, na obra de Afonso Lopes Vieira, o que, com propriedade, podemos considerar, na esteira

---

<sup>9</sup> Refiro-me à dissertação de doutoramento de Cristina Maria Alexandre Nobre, publicada em 2005 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, citada na bibliografia final e amplamente comentada no decurso deste trabalho.

<sup>10</sup> Brenda Dunn-Lardeau (ed.), *Entre la Lumière et les Ténèbres. Aspects du Moyen Âge et de la Renaissance dans la Culture des XIX<sup>e</sup> et XX<sup>e</sup> Siècles*, Paris, Honoré Champion, 1999, p. 13.



de C. Mauron, os mitos pessoais do autor. Estes tornam-se manifestos em redes associativas e constelações de imagens obsidianas que se agregam na composição de figuras ou situações dramáticas de crescente complexidade<sup>11</sup>. Também no caso vertente, «la fonction littéraire du mythe personnel nous importe bien plus que son origine probablement biographique»<sup>12</sup>.

Este estudo procurará inventariar as componentes simbólicas e precisar os contornos da imagologia<sup>13</sup> de um tempo outro, deslindando o que nessa construção é partícipe de uma exegese pessoal do passado e o que nela é ditado periodologicamente; o que nela é arqueologia literária fidedigna ou, ao invés, ressemantização ideologicamente motivada. É, em suma, a prospecção de uma particular imaginação autoral no tocante à medievalidade — entendendo aqui *imaginação* como

---

<sup>11</sup> Charles Mauron, *Des Métaphores Obsédantes au Mythe Personnel. Introduction à la Psychocritique*, Paris, Librairie José Corti, 1988. Será sobretudo nesta acepção que aqui se empregará o conceito de mito pessoal, elidindo o seu carácter inconsciente e involuntário e o enfoque acentuadamente biografista que singularizam a abordagem psicocrítica de Mauron. Cf. *op. cit.*, p. 32.

<sup>12</sup> *Idem, ibidem*, p. 216.

<sup>13</sup> Alívio aqui o termo da sua acepção mais restritiva de imagologia comparatista, no âmbito da qual se privilegia o estudo das «imagens do estrangeiro num texto, numa literatura, até numa cultura», retendo sobretudo a sua vertente de análise da imagem literária e do seu funcionamento mítico. Este cruzamento de imagologia e mitocrítica permite perspectivar as representações da alteridade não exclusivamente no espaço (estrangeiro), mas também no tempo (passado histórico). Para um conspecto histórico-metodológico da imagologia e das suas orientações no domínio dos estudos literários, veja-se Daniel-Henri Pageaux, *La Littérature Générale et Comparée*, Paris, Colin, 1995, pp. 59-76, e Jean-Marc Moura, «L'imagologie littéraire: essai de mise au point historique et critique», *Revue de Littérature Comparée*, n.º 263 (juillet-septembre, 1992), pp. 271-87. Para uma panorâmica dos mais recentes desenvolvimentos da disciplina, v. Jean-Marc Moura, «L'imagologie littéraire: tendances actuelles», in Jean Bessière e Daniel-Henri Pageaux (eds.), *Perspectives Comparatistes*, Paris, Honoré Champion, 1999, pp. 181-191.

faculdade de ideação pela imagem, como capacidade de forjar «imagens falantes»<sup>14</sup> — o exercício hermenêutico que aqui se pretende desenvolver, tomando em consideração os limites entre os quais, nas palavras de Daniel-Henri Pageaux, oscila toda a criação: «d'un côté la reproduction, le réemploi, la copie, ce qu'en termes d'images on peut nommer l'imagerie culturelle, fort proche au demeurant de l'idéologie; et de l'autre la réélaboration, la reconstruction, la reformulation»<sup>15</sup>.

Também ao impulso medievalista de Lopes Vieira corresponde uma via dúplice de acesso à história: uma filológica, fundada nos vestígios materiais da sua posteridade (documentos e monumentos); outra mítica, passível de articulação com outros sistemas ideológicos e relativamente aos quais pode funcionar como eficaz legitimação. Trata-se, pois, da análise de uma história de segundo grau, interessada em recuperar as representações do passado medieval. Estas representações, como já salientou Simone Fraisse, «expriment les espoirs, les soucis, les goûts des hommes qui les ont conçues» e, justamente por isso, «on peut en contester la véracité, mais non la signification»<sup>16</sup>.

No pórtico deste estudo, importa, então, conservar aquele que pode considerar-se o seu postulado metodológico fundador: recuperando a alegoria de Tennyson, a obra de Lopes Vieira não constituirá pretexto para visitar Camelote, mas permitirá, antes, dirigir o olhar para a sua paisagem, os seus espectros e as suas sombras, sempre reflectidos no espelho de Shalott.

---

<sup>14</sup> Acolhemos aqui a definição que François Rigolot apresenta de imaginação: «[...] la faculté de concevoir par l'image, de fabriquer des images parlantes pour transmettre le vécu, que ces images soient 'vraies' ou — comme c'est le cas le plus souvent — 'fausses'». Cf. «Le poétique et l'analogique», *Poétique* 35 (septembre, 1978), p. 259.

<sup>15</sup> Daniel-Henri Pageaux, *Le Bûcher d'Hercule. Histoire, Critique et Théorie Littéraires*, Paris, Honoré Champion, 1996, p. 554.

<sup>16</sup> Simone Fraisse, *Péguy et le Moyen Âge*, Paris, Honoré Champion, 1978, p. 99.

## Siglas utilizadas

- AL — *Ar Livre*  
AS — *Auto da «Sebenta»*  
BFM — *Brancaflor e frei Malandro. Dois piquenos poemas de amor*  
BM — *Bartolomeu Marinheiro*  
C — *Crisfal. Ecloga musical em um acto e três quadros*  
CA — *O Conto de Amadiz de Portugal para os rapazes portugueses*  
CI — *Canto Infantil*  
CN — *Conto do Natal*  
CSA — *Canções de Saudade e Amor (Lieder)*  
CV — *A Campanha Vicentina*  
CVS — *Canções do Vento e do Sol*  
DG — *Em Demanda do Graal*  
DJM — *A Diana de Jorge de Montemor*  
E — *O Encoberto*  
IB — *Ilhas de Bruma*  
M — *Marques (História d'um perseguido)*  
MA — *O Meu Adeus*  
NDG — *Nova Demanda do Graal*  
NVL — *Náufrago. Versos Lusitanos*  
OTAMC — *Onde a terra se acaba e o mar começa*  
PC — *O poema do Cid*  
PLDA — *País Lilás, Destêrro Azul*  
PPC — *A Paixão de Pedro o Cru*  
PQ — *Para Quê?*  
PR — *O Pão e as Rosas*  
PS — *O Poeta Saudade*  
RA — *O Romance de Amadis*

*RB — Rosas Bravas*  
*SAJC — Santo António — Jornada do Centenário*  
*VALV — Os Versos de Afonso Lopes Vieira*  
BGUC — Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra  
BMALV — Biblioteca Municipal de Leiria Afonso Lopes Vieira  
BNL — Biblioteca Nacional de Lisboa

## 2. IDADE MÉDIA EM CONTRALUZ: DA IMAGINAÇÃO MEDIEVALISTA COMO MEDIAÇÃO

Le Moyen Âge est toujours resté mon monde:  
je le vois partout, en transparence, dans les choses dont je m'occupe qui semblent ne pas être médiévales et qui pourtant le sont.

UMBERTO ECO <sup>1</sup>

É esse o nosso problema: somos muitas vezes «medievais» quando nos gabamos de ser modernos; e muitas vezes não passamos de «medievais» quando julgamos ter as nossas raízes no tempo das catedrais, dos cavaleiros, dos lavradores e dos mercadores. Os códigos e valores desse próximo passado distante são-nos bem mais estranhos do que pensamos; mas devemos-lhe bem mais do que queremos admitir.

JEAN-MAURICE DE MONTREMY <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Apud Robert Maggiori, «L'art d' Eco», *Libération*, 23 décembre 1993, p. 20.

<sup>2</sup> Jean-Maurice de Montremy, «Prefácio», in Jacques le Goff, *Em Busca da Idade Média*, Lisboa, Teorema, 2003, p. 10.

As both nonorigin and origin, the Middle Ages can be everywhere, both medieval and post-modern, and nowhere, sublime and redemptive. What better material for a dream frame for popular culture, a truly relative past that can be read as either the present or the future?

KATHLEEN BIDDICK <sup>3</sup>

Num célebre estudo de Régine Pernoud, sob o título algo iconoclasta de *Pour en finir avec le Moyen Âge*, propunha-se a historiadora desmontar, por via da revisão irónica, a imagem da Idade Média que, a contracorrente da investigação histórica, ainda então obstinadamente sobrevivía no seio de uma comunidade não especializada. Do paradoxo que estruturava essa visão se dava então conta nos seguintes termos: «Moyen Âge signifie toujours: époque d'ignorance, d'abrutissement, de sous-développement généralisé, même si ce fut la seule époque de sous-développement pendant laquelle on ait bâti des cathédrales!» <sup>4</sup>

Ora, se é indiscutível que os significativos avanços da medievística terão concorrido, se não para dirimir em definitivo, pelo menos para mitigar esta atitude de historicismo preconceituoso, é por demais evidente, a julgar pelas incontáveis ressurgências da cronografia medieval, de contornos mais ou menos vulgarizadores, que, em plena (pós)-modernidade, nos encontramos, ainda e sempre, em face de «[...] un Moyen-Âge qui fonctionne comme une mythologie, qui se situe simplement 'bien loin dans le temps' et assez obscur pour qu'on y projette librement ses fantasmes présents, en leur donnant consistance

---

<sup>3</sup> Kathleen Biddick, «Bede's Blush. Postcards from Bali, Bombay, Palo Alto», in *The Shock of Medievalism*, Durham & London, Duke University Press, 1998, p. 84.

<sup>4</sup> Régine Pernoud, *Pour en finir avec le Moyen Âge*, Paris, Éditions du Seuil, 1977, p. 13.

## ÍNDICE GERAL

1. PREÂMBULO .....	9
<i>Siglas utilizadas</i> .....	17
2. IDADE MÉDIA EM CONTRALUZ: DA IMAGINAÇÃO MEDIEVALISTA COMO MEDIAÇÃO .....	19
3. UMA PEDAGOGIA DA TRADIÇÃO. AFONSO LOPES VIEIRA E A IDEIA DE LITERATURA .....	41
4. UMA «IDADE-MÉDIA QUE PASSOU HÁ SÓ INSTANTES»: UM ROTEIRO DO MEDIEVALISMO .....	97
4.1. Ruskin e Lopes Vieira — Da catedral como livro .....	101
4.2. Medievalite: de Garrett ao neogarrettismo .....	163
4.2.1. Filtros oitocentistas .....	165
4.2.2. O regresso ao reino: António Nobre e as leituras neogarrettistas .....	217
4.3. «Um vago não-sei-quê de recepção medieva»: Idade Média em fim-de-século .....	276
4.4. O elmo e o arnês — O medievalismo saudosista e integralista .....	327
5. «UM HOMEM DE MUEL A FAZER DE PARSIFAL»: TRADIÇÃO E IMAGINAÇÃO MEDIEVALISTA EM AFONSO LOPES VIEIRA .....	385
6. «ENTRE OS PINHEIROS DEL REI DON DINIS / E AS ONDAS DA NAU CATRINETA»: A IMAGINAÇÃO NEOTROVADORESCA E NEOPOPULARISTA .....	421

6.1. Neotrovadorismo .....	421
6.1.1. Antecedentes: saudade e filologia.....	421
6.1.2. Trovador de Portugal.....	454
6.1.3. <i>Motz e son</i> : um Heine português .....	517
6.2. Neopopularismo: <i>fons et origo</i> .....	564



Acabou de imprimir-se  
em Julho de dois mil e nove.

---

Edição n.º 1015316

---

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[comercial@incm.pt](mailto:comercial@incm.pt)  
E-mail Brasil: [livraria.camoes@incm.com.br](mailto:livraria.camoes@incm.com.br)